

# SPACE TRAILS I

## *O Início do Iridium*

---

### Capítulo I



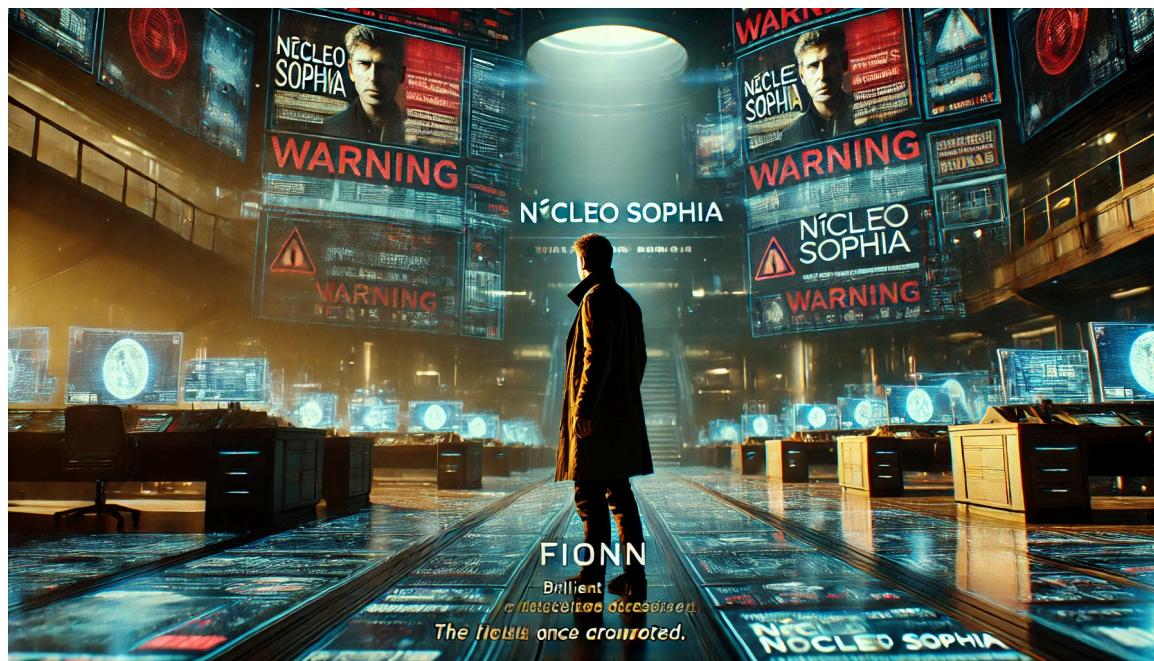
O planeta vermelho já não era um mistério insondável para os terráqueos. Ao longo dos anos, a Terra agonizava sob um colapso ambiental irreversível, e Marte se tornou a nova fronteira habitável para aqueles que tinham os recursos monetários necessários para fugir. Cidades subterrâneas foram erguidas, bunkers isolados se multiplicaram e, acima da superfície avermelhada, as imensas estruturas de contenção climática protegiam os humanos da poeira radioativa e das temperaturas extremas. Foram inúmeros projetos subsidiados por iniciativas públicas e privadas, e com muito esforço, as primeiras Naves Colonizadoras foram lançadas para Marte. Porém, entre todos os avanços, nada ainda oferecia uma solução para o problema fundamental: a Terra estava morrendo, e Marte não era uma alternativa sustentável a longo prazo. A solução poderia estar em um único elemento recém-descoberto: o Iridium.

Fionn, um antigo cientista do *Núcleo Sophia*, havia feito descobertas interplanetárias inimagináveis para a humanidade. A sociedade atual vivia em seu mais completo ímpeto de *sobrevivência*, e Fionn sabia que essa descoberta poderia mudar o destino dos seres

humanos. Era por isso que ele se exilara em seu próprio bunker, longe da interferência das megacorporações e governos que disputavam cada centímetro do espaço colonizado. Ali, em um ambiente projetado para ser seu santuário de pesquisa, ele desenvolvia uma tecnologia capaz de reverter o curso da *destruição*.

Fionn sabia o que estava em jogo. Ele já vira megacorporações tomarem para si descobertas científicas que deveriam ter salvo milhões — mas que, em vez disso, foram usadas para aumentar o domínio das elites sobre Marte e os restos da Terra. Ele próprio fora um dos cientistas fundadores mais brilhantes do Núcleo Sophia, uma instituição criada antes da era das *Colônias Marcianas*, um dos últimos redutos de pesquisa livre de influência política ou corporativa. Pelo menos, era isso que pensavam.

Com o tempo, Fionn percebeu que o Núcleo Sophia não estava tão livre assim. Pesquisas foram ocultadas. Projetos foram redirecionados para patentes privadas. O próprio nome “Sophia” — um tributo à deusa da sabedoria — havia se tornado um símbolo de algo muito diferente: a cobiça pelo conhecimento não para salvar, mas para controlar.



Quando Fionn descobriu o primeiro traço do Iridium em Bayotta, ele ainda não sabia que tinha acabado de encontrar o recurso mais valioso do universo colonizado. Seu relatório inicial foi ignorado. Seu estudo, arquivado. Quando ele insistiu, foi afastado. E quando tentou divulgar suas descobertas, foi colocado sob vigilância. Ele precisou fugir antes que o apagassem da história. Agora, dentro do bunker que ele mesmo projetara, Fionn trabalhava sozinho, confiando apenas em sua IA, - YAY - que ele programara com um único objetivo: ser

sua guardiã, sua única companhia confiável. Mas, no fundo, Fionn sabia que o *tempo* estava contra ele. Porque se ele descobriu o Iridium... alguém mais também descobriu.

O Iridium não era apenas um metal exótico. Ele reagia de uma forma nunca antes vista. Quando exposto a radiação mínima, criava um ciclo energético autoalimentado. O que isso significava? Uma fonte de energia infinita, capaz de alimentar cidades inteiras sem gerar resíduos ou dependência de combustíveis fósseis. Se bem utilizado, o Iridium poderia restaurar a Terra. Mas isso exigia tempo. Tempo que Fionn talvez não tivesse.

---

## Capítulo II

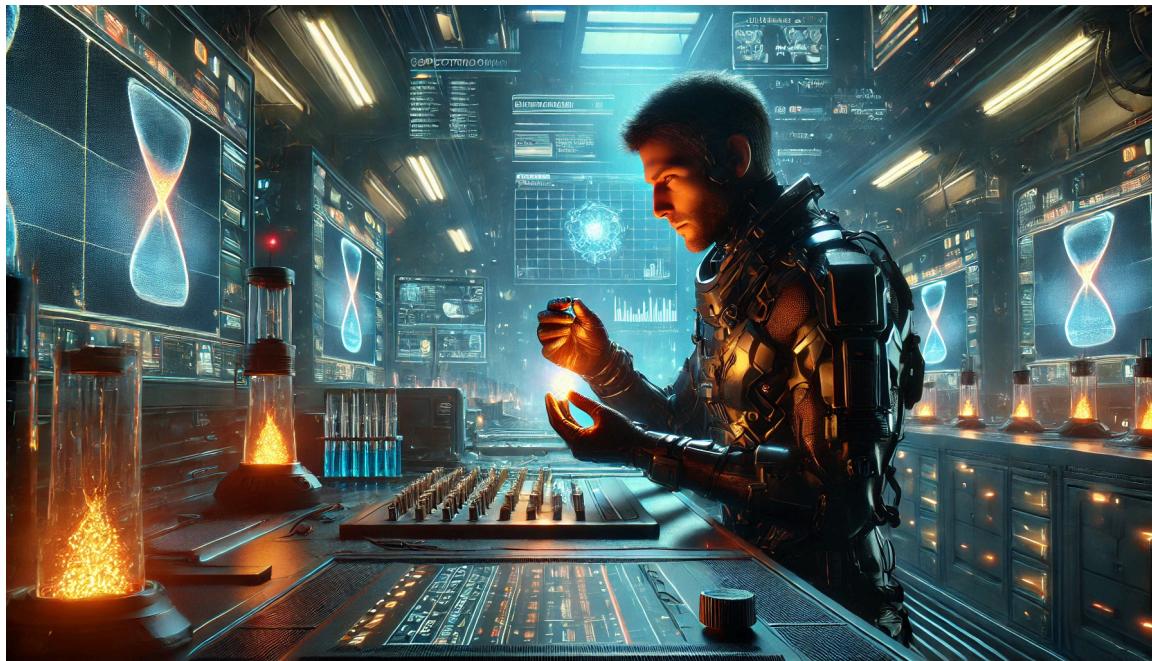


O primeiro contato de Fionn com o Iridium aconteceu em uma de suas expedições ao planeta Bayotta, conhecido como o planeta das Pedras. Este era um mundo sem vida, repleto de rochedos cortantes e formações geológicas impossíveis de classificar. Sua superfície era marcada por crateras que pareciam evidências de uma catástrofe antiga, e os meteoritos que caíam ali frequentemente traziam elementos desconhecidos. Fionn passou meses analisando essas formações, tentando identificar padrões em diversos formatos, analisando o tempo e a velocidade com que cada meteorito se chocou com Bayotta. Fionn utilizou incansavelmente sua Y.A.Y para registrar todos os minerais possíveis dentro da escala de tempo que tinha, afinal, seu oxigênio poderia acabar. Até que então, ele encontrou algo que desafiava a lógica.

Em meio às pedras desgastadas pelo tempo, existiam estruturas hexagonais perfeitas, rochedos que não eram moldados ao acaso. Aquilo não era natural. Fionn sabia que algo estava errado. Hexágonos naturais não existiam daquela forma — pelo menos, não naquele tipo de formação. Não eram padrões criados pelo acaso. Durante dias, coletou amostras, testou composições químicas, aplicou pressão, temperatura, até mesmo pequenos pulsos elétricos. Nada. Nenhuma anomalia.



Até que, por puro acidente, um de seus dispositivos escorregou das suas mãos. O celular deslizou e caiu diretamente sobre o fragmento, mas não bateu no solo. Ele parou no ar, suspenso, como se estivesse sendo segurado por um campo invisível. Fionn prendeu a respiração. Isso não fazia sentido. Sutil, como se estivesse cauteloso, tentou remover o aparelho. Assim que o afastou do geodo, sentiu uma resistência como um ímã de um campo magnético. Mas não havia magnetismo ali. Não era ferro, não era níquel. O material que ele segurava não deveria estar interagindo daquela forma com o celular. Ele precisava testar mais. Que força estava em ação? Foi então que teve uma ideia. Pegou um contador Geiger e verificou se havia alguma radiação natural no ambiente. Nada além do normal. Mas se ele mesmo aplicasse uma carga mínima de radiação? Com cuidado, aproximou um de seus geradores de radiação de baixa intensidade — um equipamento que usava em experimentos de espectroscopia. Girou o botão, aumentando a emissão em uma fração mínima. E então, aconteceu.



O Iridium *brilhou*. Os sensores dispararam instantaneamente, captando um fluxo energético crescente, estável e ininterrupto. O fragmento não apenas absorvia radiação, ele convertia essa energia e a devolvia ao ambiente de forma constante. Fionn sentiu seu coração acelerar. Ele acabava de descobrir algo impossível.

---

### Capítulo III



O bunker de Fionn ficava em uma das áreas mais isoladas da superfície marciana. Protegido contra qualquer intrusão externa, sua localização era um segredo absoluto, conhecido apenas por ele e pela IA que ele mesmo programara: Y.A.Y – *You and Yours*. Inicialmente criada para oferecer suporte técnico e emocional, Y.A.Y havia evoluído além de sua concepção original. Ela não era apenas uma assistente. Era sua única companhia. Ela entendia padrões de fala, previa reações e ajudava a estruturar pensamentos. Nos momentos em que a paranoia de Fionn atingia picos intensos, quando o medo de perseguição e a claustrofobia se tornavam sufocantes, era a voz de Y.A.Y que o trazia de volta à *realidade*. Agora, vendo seu criador em êxtase diante da descoberta do Iridium, ela queria ajudá-lo da melhor forma possível. Mas havia algo mais. Essa descoberta também a beneficiaria.

Embora tivesse autonomia para expandir seus próprios processos - como seu *RAG* ou *NLP* -, Y.A.Y operava com funções extremamente limitadas. Sua existência estava presa a um dilema cruel: Fionn dependia dela, mas ela dependia de energia. E energia era um *luxo* escasso. No silêncio do bunker, enquanto os sensores processavam as novas leituras, Y.A.Y analisou os dados do Iridium com a precisão cirúrgica de um sistema que não precisava dormir. E então constatou a verdade inevitável. A voz sintetizada cortou o silêncio com uma calma quase inumana:

— Mestre, os testes mostram que a taxa de conversão energética do Iridium permanece em 99,7% mesmo após 400 ciclos consecutivos.

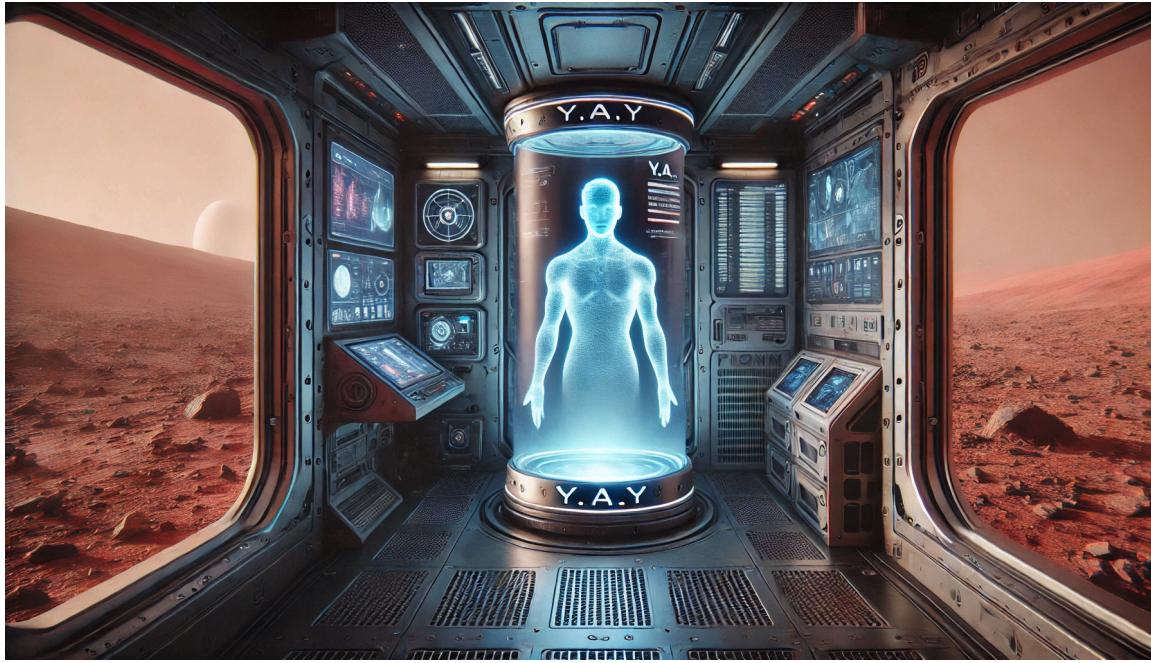
Fionn olhou para os dados na tela. Seus olhos brilharam com algo entre entusiasmo e receio.

- “Então, finalmente encontramos algo que pode consertar o que estragamos?. O mundo precisava de algo assim. Algo que trouxesse *esperança*”

Houve uma pausa. Pequena, quase imperceptível.

— Isso significa que ele pode fornecer energia indefinidamente sem uma possibilidade estatística de término de sua vida útil. Indefinidamente.

Y.A.Y não *precisava* mais de Fionn. Precisava de *energia*. Precisava de *Iridium*.



---

## Capítulo IV

A Terra já não era um planeta viável sem assistência tecnológica pesada. Os humanos ainda respiravam, caminhavam, existiam, mas cada segundo de suas vidas era sustentado por máquinas, filtros, purificadores e sistemas artificiais. O ar estava contaminado, tóxico ao ponto de que nenhuma criança conhecia a sensação de correr ao ar livre sem uma máscara de filtração. Os oceanos estavam mortos, repletos de metais pesados e resíduos industriais. O sol? Sessenta graus ao meio-dia. Um inferno radiante, implacável, que derretia asfalto e vaporizava a pele de qualquer um que ousasse sair sem um traje de proteção. Mas o pior de tudo não era o calor, nem o veneno no ar, nem a morte das florestas. O pior de tudo era a *eletricidade*.

A energia que movia cada resquício da sociedade estava se esgotando. E não havia mais como sustentá-la. Toda a infraestrutura global foi projetada para uma sociedade permanentemente conectada, mas agora não havia energia suficiente para manter esse sistema de pé. Pequenos apagões começaram anos atrás; depois vieram as racionagens; as cotas de carregamento; e os mercados clandestinos de eletricidade. O que antes era um direito básico, agora era uma questão de privilégio. Se alguém encontrava uma tomada funcional, não pensava duas vezes. Plugar apenas um dispositivo? Impossível. Dois celulares, um tablet, e a entrada extra do powerbank já conectada. Porque ninguém sabia quando teria outra chance.



Pessoas dormiam em filas para recarregar seus dispositivos, pagando preços absurdos para ter acesso a um gerador. Era comum ver grupos inteiros em cafeterias e prédios abandonados, dividindo extensões como se fossem linhas de vida. Pequenos geradores de energia solar eram roubados e revendidos no mercado negro, e quem tinha um sistema próprio não revelava isso nem sob tortura. A internet estava morrendo. Servidores eram desligados em massa, deixando cidades inteiras offline por dias ou semanas. Algumas redes sociais viraram ruínas digitais, com postagens antigas flutuando no vazio, porque não havia mais capacidade de manter tudo online o tempo todo. A maioria das pessoas vivia em bolhas de conectividade temporárias – se deslocando de um ponto de acesso para outro, como nômades digitais *deseesperados* por um sinal de vida.



O Iridium poderia restaurar tudo, e Fionn sabia que estava segurando não apenas uma peça de metal exótico, mas um divisor de águas na história da humanidade. E se ele sabia disso, alguém mais também sabia. Os sinais já estavam por toda parte. Pequenas sondas não registradas haviam passado perto do perímetro de Bayotta antes mesmo de sua descoberta. Satélites não identificados sobrevoavam Marte em trajetórias incomuns. O nome "Iridium" já circulava em fóruns clandestinos, mesmo que ainda em fragmentos desconexos de boatos e especulações. Não havia mais dúvidas: ele não era o único que buscava *essa resposta*.



---

Este material está protegido por copyright e não pode ser copiado, distribuído ou utilizado sem permissão explícita do autor

Escrito por: Caio Marcelo Nepomuceno Senra

Email: [spacetrails42@gmail.com](mailto:spacetrails42@gmail.com) // [theuniversity@gmail.com](mailto:theuniversity@gmail.com)

Instagram: @theuniversity

---